

Pisando
em nuvens
Iris Figueiredo

S E G U I N T E

O selo jovem da Companhia das Letras

O futuro me aguardava a poucos cliques de distância. Vó Marília pôs a mão no meu ombro, me incentivando a seguir em frente. Ao seu lado estava Cecília, minha prima, que um ano antes tinha passado pela mesma situação.

— O site não tá abrindo — reclamei, atualizando a janela mais uma vez.

Vó Marília foi buscar uma banqueta para sentar ao meu lado. Espremeu os olhos e colou o rosto perto da tela do computador.

— Tá sem internet, Tatá?

— Não, vó, é que tem muita gente entrando — Cecília respondeu, enquanto eu tentava carregar a página, concentrada.

Os servidores estavam tão sobrecarregados quanto o meu emocional. Levei a mão à boca, mas vovó estendeu o braço e me deu um tapa.

— Fica roendo unha, fica... Que coisa porca, Taís — resmungou.

— Eu tô nervosa — falei, tentando me defender.

— E eu não sei? Mas tem necessidade de uma...

— Abriu, abriu! — Cecília gritou, apontando para a tela.

Já tinha deixado meu login e senha salvos no navegador, então só cliquei para prosseguir. Mais alguns cliques, uma extrema lentidão e lá estava o resultado.

Aparentemente, eu estava tão lenta quanto a conexão, porque demorei um pouco para processar o que havia diante dos meus olhos. Li e reli algumas vezes, até Cecília sacudir meus ombros e gritar:

— VOCÊ PASSOU!

Não estava alucinando; tinha lido tudo certinho, palavra por palavra. Olhei para o monitor mais uma vez, esperando que a informação da tela mudasse, que alguém percebesse que tinha sido um engano. *Eu tinha passado em uma universidade pública.*

Só que na minha segunda opção.

— O Fundão não é muito perigoso, Tatá? — Cecília perguntou, atenta apenas à sigla “UFRJ”, não ao que vinha em seguida.

Olhei para Cecília e vó Marília, que me observavam ansiosas, à espera de uma resposta.

— Não fica no Fundão... — comentei, reticente.

— Ué, eu jurava que...

— Eu passei pra UFRJ de Macaé.

— Macaé? — perguntaram minha avó e minha prima em uníssono, como se estivessem não só surpresas, mas também confusas.

Quando selecionei o campus de Macaé como segunda opção, não estava pensando muito. Vi que a minha pontuação era mais alta que a nota de corte do ano anterior, fiz a escolha e não contei a ninguém. Ainda tinha esperanças de ser aprovada na minha primeira opção. Ao contrário da maioria das pessoas, não acessava o site todos os dias. Depois de preencher os dados, fingi que tudo aquilo não existia mais — ou minha ansiedade só aumentaria.

O grande problema era que não tinha contado para os meus pais, para o restante da família, nem mesmo para a minha namorada. E agora, olhando a expressão atônita da minha avó, percebia que tinha sido um erro.

— Nem sabia que tinha federal em Macaé — respondeu vovó.

Dei um suspiro, sentindo o peso da conversa cair sobre meus ombros.

— Minha primeira opção era a UFF, aqui pertinho — respondi, apontando para a tela. — Eu estava confiante que ia passar, mas pensei que não custava tentar pra uma que tivesse menos concorrência. Vi a nota de corte das cotas do ano passado, a minha estava acima, então achei que era uma boa ideia colocar a UFRJ de Macaé como segunda opção, só por garantia...

Falei rápido e terminei reticente. De que garantia eu estava falando? Macaé ficava a mais de seis horas de distância de São Gonçalo, e minha família não tinha condições de me manter em uma cidade tão longe.

Cecília estalou a língua, uma mania irritante recém-adquirida, repetida sempre que queria soltar um comentário, mas achava melhor se segurar. Senti a sua reprovação na mesma hora.

Vovó levantou da banquetta e começou a andar pelo quarto, coçando a cabeça.

— Como a gente vai pagar isso? — perguntou.

— A faculdade é de graça — falei, mesmo sabendo que não era essa a questão.

— Mas morar lá não é — respondeu Cecília.

— Posso arrumar um emprego lá — rebati prontamente, ainda que eu mesma não acreditasse naquilo. Era um curso integral, a carga de estudos parecia absurda, e jamais teria tempo para conciliar as duas coisas.

Foi como ir do céu ao inferno em segundos.

Olhei para vó Marília, que tinha parado de andar e agora me encarava. Vários pensamentos me assombravam, mas eu não conseguia colocá-los em palavras. A tensão palpável que havia se criado entre a minha prima e a minha avó já deixava claro: era praticamente impossível eu cursar aquela faculdade.

— Não tem outra chamada na UFF? — perguntou vovó.

— Tem, mas a preferência é de quem não passou em nenhuma. E se eu esperar outra chamada, vou perder essa vaga — respondi.

Mais uma vez, silêncio. Vó Marília era, na verdade, minha tia-avó, mas isso não mudava muita coisa. Nunca houve distinção. Vovó voltou a sentar na banquetta. Pensava tão alto que eu podia escutar as engrenagens do seu cérebro funcionando.

Especulei tudo o que se passava em sua cabeça.

A habilidade que tinha desde menina para aplicar injeções e tratar os vizinhos e os parentes com plantas medicinais, fazer curativos. O desejo de ter sido enfermeira se a oportunidade de estudar tivesse aparecido em sua vida. Em vez disso, debruçou-se sobre uma máquina de costura e tentou remendar o futuro da filha, dando a ela o melhor que podia — até que minha tia apareceu grávida de Cecília, sem saber quem era o pai, e desistiu dos planos de fazer faculdade porque precisava se sustentar. Então veio Cecília: um gênio, que estudou no mesmo colégio onde a mãe trabalhou por anos e, por isso, foi cercada de boa educação. Passou no vestibular e carregou consigo o sonho de três gerações — um fardo tão grande que ela quase não aguentou. No último semestre, trancou a faculdade para tentar reaprender a viver.

E agora todas as expectativas estavam no meu colo. Sentia o peso da história de todas aquelas mulheres que tiveram seus planos interrompidos por um motivo ou outro, mas eu não queria tamanha responsabilidade. Provavelmente seria mais uma a deixar de lado os sonhos da família Souza, porque eles eram grandes demais para mim.

Tive a sensação de que a minha mente vagava para fora do meu corpo, observando nós três ali. O cursor do mouse ainda piscava diante dos meus olhos, enquanto as vozes ao meu redor se transformavam em uma cacofonia confusa. Era muita coisa para digerir, havia muita gente para agradar.

*image
not
available*

indignada, ao pegar seu copo de açaí de meio litro e encher com todos os confeitos disponíveis na vitrine.

— Você ia pagar uns cem reais lá — brinquei.

— Tá louca, até parece que eu dou dinheiro pra essa gente.

Tiago, o menino que trabalhava na sorveteria, riu atrás do balcão ao escutar nossa conversa. Rafaela o incluiu:

— Não é não, Tiago? Eu, hein. Esse povo acha que eu sou trouxa. Queriam me cobrar dois reais pra colocar leite em pó. DOIS REAIS! Mais um pouco e eu vou no Guanabara e compro uma lata de leite Ninho que sai mais barato. Aonde São Gonçalo vai parar desse jeito?

— Sabe o que é isso, Rafa? Capitalismo! — exclamou Tiago do outro lado do balcão.

— Ih, não vem com esses papos de novo não.

Eu caí na gargalhada. Se desse muita trela, ele e Rafaela entrariam em uma discussão infinita sobre capitalismo e afins — e, embora eu sempre concordasse com o Tiago, não era para isso que tínhamos ido até ali.

Por sorte, duas adolescentes entraram na loja e Tiago arrumou o que fazer, então Rafa se virou para mim.

— Tá, agora me explica o negócio da faculdade, que eu não entendi nada.

Escolhemos uma mesinha, nos acomodamos, e comecei a contar o que já tinha tentado explicar para a Cecília e a minha avó, mas com muitos detalhes e interrupções. Rafaela me escutou com atenção, fez milhares de perguntas e, no fim, soltou aquela que eu sabia que viria:

— E aí, o que a gente vai fazer?

Não era o que eu ia fazer, mas nós duas — juntas. Esse detalhe bastou para eu sentir que não estava sozinha e que, talvez, tudo acabaria se ajeitando.

*image
not
available*

Levantei de repente, sabendo que a outra opção era permanecer ali e falar coisas de que me arrependeria depois. Tateei meus bolsos à procura da carteira. Abri e só tinha o cartão de débito.

— Ih, Taís, a maquininha tá com defeito — disse Tiago. — Você pode voltar mais tarde?

Assenti. Rafaela me acompanhou com o olhar. Parei na nossa mesa, peguei meu pote de açaí ainda pela metade — e com um marshmallow a menos — e fui para o lado de fora, sem me despedir.

Mais uma vez, meus pés seguiram o próprio caminho, enquanto Rafaela tentava me alcançar, gritando meu nome, mas a minha mente já estava longe dali.

Eu tinha aguentado muita merda na vida. Para mim, elas sempre vinham em dobro, e eu só ia engolindo. Um insulto ali, um olhar torto acolá. Não respondia, não lidava com nada disso — só tentava empurrar para longe, fingir que aquelas palavras e gestos não me atingiam. Não dava muito certo, mas era a única técnica que eu conhecia.

Dentro e fora de casa, me acostumei a criar uma barreira protetora que deixava poucas pessoas atravessarem. Sempre fui muito reservada com os meus sentimentos, mesmo em territórios seguros, por medo de que eles não fossem relevantes o suficiente. E quando alguém que teve permissão para entrar na minha vida fazia um comentário egoísta como aquele da Rafaela na sorveteria... doía. Doía muito, porque ela sabia o quanto era importante para mim.

— Taís...

Eu tinha atravessado a rua e me afundado em um dos bancos da praça. Rafaela demorou a me alcançar porque provavelmente tinha

*image
not
available*

Aliás, era o que a mamãe tinha sugerido desde o começo... — deixei a frase escapar.

Eu gastava boa parte do meu salário pagando o cursinho, que não era barato. Meu cérebro começou a fazer as contas. A faculdade era bem mais cara, mas eu poderia tentar um desconto com a minha nota do Enem e continuar trabalhando... Não gastaria com passagem nem comida, talvez meus pais pudessem ajudar. Não era o ideal, mas era o que estava dentro da minha realidade naquele momento.

Me sentia mal por ter discutido com a Rafa. Ela tinha tentado pensar em opções práticas, eu que estava sonhando muito além do que estava ao meu alcance.

— Mas não é a faculdade aqui do lado de casa que você quer. Você gostou dessa, não gostou? — disse ela.

— Gostei, vó.

— E você sempre quis estudar em uma universidade pública. A Cecília disse que vocês tinham conversado um tempo atrás e que você ficou animada quando descobriu o que dava pra fazer lá dentro, tipo aquele negócio de pesquisa que ela fez.

— É, tem muita coisa que eu não sabia que dava pra fazer na faculdade — admiti. — Mas deixa isso pra lá. Eu vou fazer as contas, ver se meu salário dá pra bancar o curso de enfermagem aqui perto, acho que é o melhor plano. Colocando tudo na ponta do lápis, quem sabe?

— Eu pedi ajuda para a Cecília — continuou minha avó, ignorando tudo o que eu tinha dito. — Enquanto você foi na rua, a gente deu uma olhadinha na mensalidade da faculdade daqui de perto, vimos no site. Tá um pouco salgada.

Era só o que me faltava — nem a opção segura parecia querer caber no meu bolso.

*image
not
available*

Deixei o celular no silencioso e o mais longe possível de mim. Escolhi um filme fofo e leve para assistir, me enrolei debaixo das cobertas e fiquei ali até cair no sono, sonhando com uma beca, um diploma e uma realidade onde tudo fosse mais simples.

Acordei com alguém gritando o meu nome bem alto.

Um pouco desnorteada, sentei na beira da cama e procurei os chinelos com os pés. Quando abri a porta do quarto, que abafava a maioria dos sons, percebi que o interfone tocava sem parar. Caminhei a passos trôpegos e estendi a mão para alcançar o aparelho, murmurando um “quem é?” desanimado. Meu humor assim que acordava não era lá dos melhores.

— Sou eu — respondeu a voz do outro lado.

Ela não precisava dizer o próprio nome. Mesmo com os ruídos da rua e a má qualidade do som, eu sabia que era Rafaela. Não me dei ao trabalho de ajeitar o cabelo ou escovar os dentes — ela já tinha visto a minha cara ao acordar, por isso fui direto atendê-la.

Abri o portão e bocejei, tudo ao mesmo tempo.

— Te acordei?

— O que você acha?

Percebi que continuava na defensiva. Ela se inclinou para me dar um beijo, mas virei o rosto.

— Não, tô com bafo — respondi, coçando os olhos.

— Eu vim pra gente conversar — falou.

— Como duas adultas?

— É, como duas adultas — concordou.

Rafaela me acompanhou para dentro. Apesar de a mãe dela não me deixar frequentar sua casa, ela conhecia bem a minha. Demorou um

*image
not
available*

nessa merda de São Gonçalo, trabalhando numa loja do shopping, chegando em casa exausta e assistindo videoaula. Você vai descobrir coisas novas, ter várias experiências, conhecer gente interessante... e eu... eu vou continuar sendo essa fracassada que não faz nada certo.

— Não sei de onde você tirou que é fracassada — rebati.

No mesmo instante, me dei conta que fui seca demais, então me aproximei da Rafa e a puxei para um abraço. Ela apoiou a cabeça no meu ombro e começou a chorar. Eu acariciei sua nuca e plantei um beijo no alto da sua cabeça. O cheiro da Rafaela era único, estava impregnado nas minhas narinas e na minha memória. Fechei os olhos, inalando profundamente seu perfume suave, porque não queria esquecer aquele cheiro. Não queria esquecer como era abraçá-la. Não queria que as brigas dos últimos dias e os desentendimentos que a vida tinha criado apagassem a lembrança de como ela me fazia feliz.

Sequei uma lágrima do seu rosto e a segurei pelo queixo, insistindo que olhasse para mim.

— Rafaela, não existe uma gota de fracasso em você. Eu me apaixonei por uma mulher que é boa em tantos sentidos... Bonita, engraçada, inteligente, esforçada... Você faz o máximo com o mínimo, mas eu queria que não precisasse. Queria que você deitasse a cabeça no travesseiro todas as noites sem nenhuma preocupação. Ainda assim, você acorda de manhã e vai atrás do que quer, mesmo que não aconteça exatamente como tinha planejado. E é por isso que fiquei triste. De todo mundo, você era quem eu mais achava que fosse entender, porque somos muito parecidas nesse sentido.

— Estou cansada de ter que me provar o tempo todo para o mundo.

— Eu sei, eu também estou — disse. Respirei fundo. — E é por isso que quero ir. Não para provar nada a ninguém, porque não preciso. Mas por merecer, por ter feito tudo o que podia para